



# arte na escola®

Nelson Leirner. *Quadro a quadro*, 2012, instalação



Quem tem medo de  
arte contemporânea?

# editorial

Se arte já uma matéria atraente para nossos alunos, que dizer da arte contemporânea? Nenhum outro período fala tão de perto para uma audiência jovem como o da arte produzida por seu próprio tempo. Se nós, adultos, temos dificuldades muitas vezes em sintonizar com o que a sensibilidade mais contemporânea nos traz, as crianças o fazem quase que instintivamente. Este Boletim Arte na Escola problematiza a questão e traz a experiência de sala de aula com arte contemporânea para ser reinventada, remodelada, reconfigurada que é a maneira mais contemporânea de apropriar-se de novos conteúdos. Faça isto e depois nos conte sua experiência através do site [www.artenaescola.org.br](http://www.artenaescola.org.br) para que possamos compartilhá-la com os milhares de professores que nos visitam todos os dias.

Bom trabalho!

**Evelyn Berg Loschpe**

Presidente do Instituto Arte na Escola  
[evelyn@artenaescola.org.br](mailto:evelyn@artenaescola.org.br)

## Dica de Leitura

**COLEÇÃO TEMAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA.**  
Katia Canton. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 6 v.  
Nesta coleção com seis volumes, a autora apresenta temas que emolduram o mundo contemporâneo e que são refletidos na arte atual: a superação da modernidade; a questão das narrativas; o tempo e suas relações com a memória; o corpo, a identidade e o erotismo; as noções de espaço e lugar; as políticas e micropolíticas. Em linguagem acessível, a teoria é entremeada a entrevistas com artistas brasileiros.

## Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Iochpe.

ISSN 1809-9254  
Instituto Arte na Escola;  
Alameda Tietê, 618 – casa 3  
CEP 01417-020, São Paulo,  
SP Fone (11) 3103-8088  
[contato@artenaescola.org.br](mailto:contato@artenaescola.org.br)

### Editora

Silvana Claudio

### Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB 20.168/SP

### Redação

Fábio Galvão e Cecília Galvão  
(CGC Educação)

### Projeto Gráfico

Zozi

### Padronização bibliográfica

Shirlene Vila Arruda

# Fala Professor

## Que artista contemporâneo você escolhe para trabalhar em sala de aula e como o faz?

» Trabalho com Cildo Meirelles através de recursos e subsídios visuais como vídeos, documentários, pesquisas sobre poéticas e seus processos criativos. Também utilizo materiais como: documentários da DVDteca Arte na Escola, livros e outros audiovisuais. Abordo a relação do artista com o tempo histórico refletido em suas obras desde quando começou e suas principais características.

**Mizael Luís Vitor** / Guarapuava (PR)

» Nesse início de ano, estou trabalhando com meus alunos a série “BASTIDORES”, da Rosana Paulino. Nosso trabalho foi iniciado através de uma leitura de imagem ressaltando aspectos formais e simbólicos presentes na obra. Posteriormente, dividi a turma em grupos e cada grupo ficou responsável por fazer uma apresentação oral sobre alguns dos temas suscitados pela obra em questão tais como: história da mulher, racismo, escravidão, patriarcado e feminismo. Como culminância dos estudos realizados nesse 1º bimestre, os alunos realizarão um trabalho de fazer artístico na qual deverão responder a seguinte questão: Se não estivesse impedida, o que essa mulher gostaria de ver, dizer, ouvir, pensar?

**Carlín Silva Paravidino** / Campos dos Goytacazes (RJ)

» São vários os artistas: Siron Franco, Franz Kracjberg, Vik Muniz, Os Gêmeos e Sebastião Salgado. Amo trabalhar com arte contemporânea, pois através dela promovo mais dúvidas do que certezas, tanto para mim quanto para os alunos. Fiz um trabalho com o documentário “Lixo Extraordinário” do artista Vik Muniz com alunos do EJA na Escola Municipal Amaro de Souza Paes. Eles perceberam todo o processo de criação, desmitificando que o artista já nasce com talento. Ao contrário, viram que ele necessita de conhecimento e planejamento para compor suas obras. Exploramos a materialidade do artista e a desmistificação do talento, e assim partimos para os trabalhos plásticos com diversidades de materiais.

**Márcia Christina de Souza Justiniano** / São João da Barra (RJ)

» Não existe uma preferência por um artista, mas artistas que possuem poéticas que se adequem ao assunto que estou trabalhando. Já trabalhei Lygia Clark, Cildo Meireles, Lygia Pape, Vik Muniz e outros inclusive com poéticas díspares. Em todos os níveis de ensino utilizei a abordagem triangular para estruturar o trabalho, mas claro, percebendo as especificidades e maturidade de cada turma. O trabalho com arte contemporânea permite uma ampliação do olhar, posto que não se restringe a suportes e poéticas, mas proporciona ao sujeito interagir e sobretudo, questionar e refletir sobre as produções artísticas e culturais no mundo. A arte contemporânea pode e deve estar presente em todos os níveis de ensino.

**Maria Juliana Sá** / Cabo de Santo Agostinho (PE)

## ILUSTRAÇÃO

Imagens de obras de

**Nelson Leirner**,

nome presente na arte contemporânea desde a década de 1960, ilustram esta edição.

Agradecemos ao artista e à Galeria Silvia Cintra+Box4 a cessão do uso das imagens.



Xeque-mate, 2008/2012, técnica mista

# Celeiro de Ideias

## Existe espaço para ensinar arte contemporânea nas escolas?

**SIM >** Minha formação profissional, enquanto fazia faculdade de artes visuais, foi em galerias de arte contemporânea. Antes de iniciar a vida acadêmica nem sequer sabia o que era uma instalação e, de repente, me deparei com esse mundo que até então era estranho para mim. Foi quando tive que estudar para compreender o que era essa arte e principalmente as questões que levam um determinado artista a construir a sua poética. Então li textos não só de arte, mas de antropologia, filosofia, das questões que permeiam o homem contemporâneo. Assim pude perceber a grandeza dessa arte que torna visível essas questões e que está tão próxima de nós, apesar de muitos acharem que se distancia pela sua complexidade. Estudar a arte contemporânea é como estudar o homem contemporâneo.

Quando comecei a ensinar numa escola observei resistência em relação à arte contemporânea. Então resolvi quebrar essa rejeição e esse preconceito levando algumas turmas juntamente com a coordenação e professores para uma exposição da artista Lúcia Koch, *Matemática Espontânea*. Usando cobogós e filtros que atuam sobre a luz própria de cada ambiente, ela cria aparatos de comunicação entre dentro e fora, afetando o sujeito que entra na exposição. Uma instalação muito delicada, este trabalho dialogava com a arquitetura da nossa cidade. A turma ficou encantada e minha coordenadora fez a seguinte colocação: "A experiência foi maravilhosa, mas se eu tivesse vindo só, sem a sua mediação, não entenderia nada e continuaria sem gostar da arte contemporânea. Por que isso acontece?".

Naquele momento, início de minha carreira como professora, respondi que o problema era uma lacuna enorme no ensino de arte, que nós não aprendemos a ler a arte contemporânea. Mas até hoje reflito sobre esse questionamento. Talvez a dificuldade maior seja de compreender o mundo contemporâneo. Essa experiência me deu abertura para inserir essa arte no currículo da escola, e anos depois esses mesmos alunos produziram uma revista de crítica de arte contemporânea.

**Flávia Roberta Alves Costa** - Especialista em Arte-Educação (Arte na Escola? Como a Arte se insere nos projetos didáticos na Escola) na Unicap/PE (2009), licenciada em Educação Artística/Artes Plásticas pela UFPE (2006). Atuou como mediadora nas principais instituições culturais do Recife. Trabalhou como consultora de Arte-Educação para a Fundação Gilberto Freire e Galeria Ranulpho no concurso de releitura da obra de Vicente do Rego Monteiro. Ganhadora do Prêmio de Educação Asa Branca em 2008 e do Prêmio Arte na Escola Cidadã 2009 na categoria Ensino Médio, com o projeto: *impressão e expressão que transformam*". Atualmente é professora da Prefeitura do Recife e da Escola Arco-Íris.

**NÃO >** A disciplina de Arte tem como parte de suas funções inserir o indivíduo nas diferentes linguagens artísticas, no desenvolvimento da linguagem estética e aspectos cognitivos da criatividade, na ampliação da percepção do olhar, no desenvolvimento do pensamento crítico, no conhecimento de sua singularidade perante o mundo, do seu eu, do mundo e suas diferentes culturas.

Todo movimento ou escola artística possui artistas consagrados que representam com muita força e clareza sua trajetória. Para o Neoclássico temos, por exemplo, Jacques-Louis David, para Impressionismo, Monet, para o Cubismo, Picasso.

A arte contemporânea é consagrada por artistas como Damien Hirst, que delegou a execução de algumas de suas obras a assistentes, instruindo-os como proceder, iniciar e finalizar a obra; Jeff Koons, que foi processado por várias "apropriações" indevidas de obras alheias, entre outras coisas. Autores de obras milionárias como os banais balões de animais feitos em aço, latinhas de fezes químicas idênticas a de seres humanos, tela contendo esterco de elefante em sua composição, larvas, etc. Quanto mais bizarro e quanto mais chamar a atenção da mídia, melhor, porque o mais importante não é a obra em si, mas o espaço que ela ocupará na mídia. Um marketing que transformará o artista em uma marca ou grife a ser vendida.

"Quando um artista se torna uma marca, o mercado tende a aceitar como legítima qualquer coisa que ele apresente", conta Don Thompson, economista, colecionador e autor do livro *O tubarão de 12 milhões de dólares* (Revista Superinteressante, n. 315, p. 55, fev.2013).

Trata-se de obras vazias de conteúdo e que nada acrescentam, dependendo sempre de um texto para poder ter algum sentido, recebendo assim seu respaldo teórico. A obra passa de objeto artístico para produto de marketing e o discurso passa a ser mais importante que a obra. "Um dos fenômenos mais sintomáticos da crise que atinge grande parte da arte contemporânea é a substituição do criador pelo teórico" (GULLAR, Ferreira. *Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro: Revan, 1993. p. 79).

É claro que no meio de tanto joio há um pouco de trigo, mas infelizmente trata-se de minoria, geralmente não reconhecida.

Como incentivar os alunos às práticas artísticas introduzindo-os no mundo da arte contemporânea se ao estudar os grandes mestres ele constatará que o artista muitas vezes não coloca sequer a mão na obra? Com o ensino da arte contemporânea, no qual o fake, a repetição e as obras são, em geral, desprovidas de conteúdo, seria possível estimular a criatividade e o desenvolvimento do pensamento crítico?

Muitos professores não conseguem entender a arte contemporânea e assim encontram uma enorme dificuldade para elaborar planos de aula e bons projetos. É difícil esclarecer tais dúvidas em um tempo em que o parâmetro para saber o que é arte nada depende da análise da obra em si, mas sim do texto explicativo composto para ela e o nome do artista. Como explicar ao aluno que a torneira de ponta cabeça que viu em uma prateleira de sua casa não é arte, enquanto a torneira de ponta cabeça com um bom texto escrito por um curador e exposta em um museu é arte?

[Acesse aqui o artigo completo](#)

**Rodanthi Mihail Moudatsos** - Licenciada em Artes Visuais pela Faculdade de Educação e Cultura Montessori (2009) e em Percepção Visual no Centro de Estudos da Percepção Visual e Aplicação Plástico Visual -Atelier L' Osservatorio Figurale (2012).Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP

# A Arte do nosso tempo

**“Arte contemporânea é um sistema de signos circulando dentro de redes”**

Anne Cauquelin

**Identificar o que é arte. Definir arte contemporânea. Ensinar arte contemporânea na escola. Tudo isso muitas vezes pode se transformar em um grande desafio para o professor. Para tentar compreender um pouco este revolucionário universo da arte do nosso tempo e como transportá-lo para a sala de aula, o Instituto Arte na Escola pesquisou e ouviu vários educadores envolvidos com esta temática.**

4

» A artista e pensadora francesa Anne Cauquelin utiliza, no livro *Arte contemporânea: uma introdução* (Ed. Martins, 2005), um conceito denominado Sistema de Arte, uma intrincada rede de comunicação, tecnologia e consumo, composta por vários atores, como arte-educadores, *marchands*, críticos, colecionadores, museus, galerias, entre outros. Para ela, a arte sai do campo da emoção para ingressar no universo do pensamento.

O filósofo Celso Favaretto faz uma provocação no documentário *Isto é arte?*, que compõe a DVDoteca Arte na Escola: "Muita obra moderna é um belo horror", brinca. Ele sugere que em meados do século XX há uma ruptura no mundo das artes, quando a obra se transforma em objeto e as estéticas do belo e do feio se confundem. "Uma coisa é falar que o objeto da arte é a beleza. Outra coisa bem diferente é falar que uma obra de arte é objeto. A palavra obra não consegue mais dar conta das transformações ocorridas nas artes", diz. ([veja mais nas páginas 6 e 7](#))

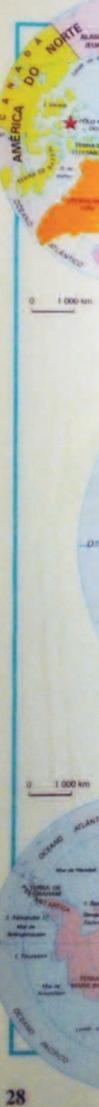
Na concepção da professora Manoela dos Anjos Afonso, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), a arte contemporânea é multidisciplinar e os artistas "têm experimentado construir diálogos com práticas e teorias

provenientes de outros campos do conhecimento". "Um trabalho artístico que antes podia ser definido claramente como desenho, pintura, escultura ou gravura, hoje muitas vezes não se acomoda tão facilmente em apenas uma dessas categorias", diz Manoela. Uma boa maneira de entender a produção artística contemporânea é a perspectiva de que ela "se relaciona de forma crítica com seu tempo e não em busca de propriedades supostamente universais ou eternas", frisa Mirtes Marins de Oliveira, graduada em Artes Plásticas pela USP e Doutora em Filosofia e História da Educação pela PUC-SP.

"A incorporação de novos materiais que não são os tradicionais; a importância intrínseca do processo artístico; a existência ou não de objetos como resultado desses processos; e a impossibilidade de categorizar tais objetos dentro das definições modernas das linguagens existentes são alguns exemplos da arte contemporânea", aponta.

## Transposição didática

A coordenadora do Polo Arte na Escola na Universidade Federal de Uberlândia, Eliane Tinoco, que trabalhou a arte contemporânea na formação ➤





continuada dos professores em 2012, destaca que as premissas para fazer a transposição didática da arte contemporânea para a sala de aula são as mesmas para qualquer manifestação artística: planejamento, experiência artística e um ambiente adequado para a aprendizagem.

Ela conta que o projeto de formação teve início com o envio para a casa das professoras de um cartão postal com imagens de arte contemporânea e uma proposição: elaborar um trabalho plástico-visual a partir da percepção artística do professor. "Essas professoras conseguiram não só compreender o projeto poético desses artistas como também produzir relações de sentido entre eles, facilitando a compreensão do rol de possibilidades da arte contemporânea para seus alunos", destaca Eliane.

Para Manoela dos Anjos, o professor que escolher a arte contemporânea como projeto pedagógico "caminhará muito mais por territórios que evocam combinações de informações históricas, entrecruzamentos de conceitos, compreensão de jogos de linguagem e expansão de práticas, do que por terrenos acomodados por definições e cronologias exatas provenientes de abordagens lineares da história da arte".

Mirtes Marins defende clareza sobre os conceitos artísticos que se quer trabalhar, articulados aos conceitos do campo educacional. "É necessário ter em perspectiva que o maior aprendizado é, além da construção de repertórios, a busca de uma preciso conceitual, assim falar sobre arte é um exercício vital e sem fim", afirma.

## Formação

Uma questão que preocupa quem trabalha com formação de professores em artes é se os cursos de bacharelado e licenciatura estão adaptando seus currículos para a didática e a prática da arte contemporânea.

Manoela dos Anjos relata que recentemente participou da reformulação das matrizes curriculares da UFG e pesquisou o tema em outras instituições que ofereciam o curso de Licenciatura em Artes Visuais. "Tenho a sensação de que a formação do licenciado em artes visuais tem melhorado muito no que diz respeito à abordagem da arte contemporânea", diz. Ela propõe uma prática colaborativa dos currículos. "Os professores devem trabalhar o currículo juntos, um ajudando e colaborando com o outro. Assim podemos chegar a melhores resultados no que diz respeito ao professor recém-formado que chega à escola", afirma.

Mirtes Marins vê um "anacronismo" na universidade quando o assunto é arte contemporânea. "Não se trata simplesmente de implantar conteúdos sobre arte contemporânea ou de tirar as disciplinas da tradição – o desenho, por exemplo – mas retomá-las de uma perspectiva histórica e crítica", afirma. Ela defende uma "discussão qualificada" sobre o papel do professor na sociedade. "Quando se comprehende o professor como um intelectual – um agente social que é capaz de pensar, propor e agir – ele pode decidir sobre suas concepções, escolhas e práticas", diz. <<

## Transposição didática e arte contemporânea: desafios e soluções

**“Quando o professor trabalha a arte contemporânea na sala de aula, ele tem que estar preparado para o imponderável, para as respostas inesperadas dos alunos.”**

Marcia Cirne Lima

» No documentário *Isto é arte?*, do acervo da DVDteca Arte na Escola, o filósofo Celso Favaretto diz que a arte contemporânea ressuscitou a dúvida sobre o que é arte. Qual a sua definição de arte contemporânea? A arte contemporânea é a dos dias de hoje e é também a que leva em conta as rupturas de linguagem de que fala o professor Celso (veja páginas 4 e 5). Justamente por estar muito próxima no tempo ainda não temos o aval da história da arte, das coleções de museus para nos garantirem que o que vemos é arte. Por isso ficamos um pouco perdidos. A nossa zona de conforto está muito mais na arte moderna. No final dos anos 1960 há uma ruptura de linguagens. O interesse dos artistas não está mais na habilidade do fazer, na capacidade de representar com grande veracidade as cenas da vida, dos sonhos, recriadas numa espécie de janela para o imaginário. Luigi Pareyson fala no fazer-pensar-fazer em arte moderna como o processo em que são definidas as regras da obra de arte, regras internas, estabelecidas ao ser feita a obra e não por qualquer parâmetro externo. Não há mais uma hierarquia onde o fazer é menos importante do que o pensar. É um pensamento válido para a arte contemporânea se considerarmos também fazeres não artesanais, como operações poéticas.

**Na sua oficina para a Rede Arte na Escola, em 2012, você cita o artista Carlos Fajardo quando ele diz que arte não se ensina, se aprende. Você concorda?**

O que está por trás deste quase trocadilho? Fajardo está tirando o foco do ensino e colocando o foco na aprendizagem. O papel do professor é criar situações de aprendizagem para que o aluno se desenvolva. É propor desafios para que os alunos passem por experiências estéticas. Nesse processo o aluno constroi repertório próprio que, somado ao que traz o professor, cria pontes de acesso à arte. O aluno se sente mais corajoso e capaz de participar do universo da arte contemporânea.

### Como planejar uma situação de aprendizagem?

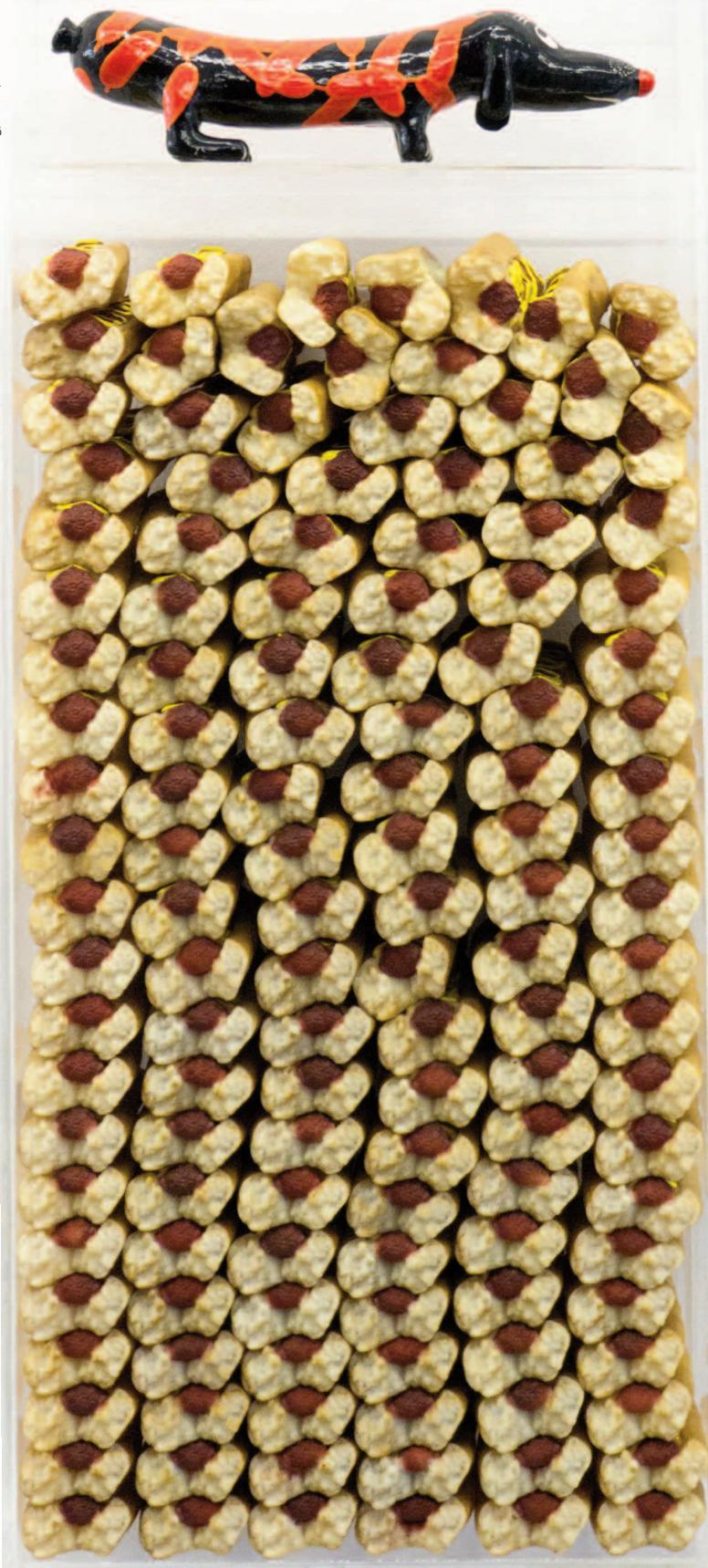
É preciso planejar cuidadosamente a aula, cuidar da formulação de desafios que podem ser propostos tanto pela escolha de materiais disponibilizados quanto pela arrumação do espaço ou por uma questão sem, contudo, fechar as respostas num resultado ou objeto pré-determinado. Quando o professor trabalha a arte contemporânea na sala de aula, ele tem que estar preparado para o imponderável, para as respostas inesperadas dos alunos. O desafio que o professor propõe é a boia de salvação de todos. Porque é em torno deste desafio que a aula vai girar. Ao vivenciar a experiência de ser o autor de imagens e objetos, o aluno estabelece relações a partir do repertório dele, tanto nas suas pesquisas pessoais quanto para enfrentar desafios propostos pelo professor. É assim que ele passa por experiências artísticas.

### Qual é o maior desafio do professor para ensinar arte contemporânea?

A arte contemporânea cria para o professor uma situação de questionamento que ele deve ter diante de tudo. Ele precisa pensar na sua própria prática, pensar no que realmente entende de arte. O professor tem que apostar na sua própria experiência diante da obra de arte. Quando ele vai ao encontro da obra de arte disposto, preparado para o que não sabe, para o que pode perturbar, o professor aprende. É da experiência artística do professor que saem os desafios para os alunos. Ao mesmo tempo, o professor não pode fazer um desafio tão grande que paralise os alunos. Aí entram os saberes do educador, tais como conhecer as características de cada faixa etária.

### Há uma idade certa para aprender arte contemporânea?

O que não pode haver é uma escolarização da arte. Na educação infantil, a aprendizagem se dá pela experiência, as áreas estão todas interligadas. Desenhar é uma matéria que entra em atrito com



› outra superfície e deixa uma marca, não importa se é com lápis no papel ou com argila no chão do pátio. Isto tem muito de arte contemporânea! Quando o professor apresenta uma obra de arte para crianças maiores, a obra parece que dá um aval ao que foi proposto. E isto não quer dizer necessariamente que a situação de aprendizagem em torno da experiência estética proposta tenha potência de aprendizagem. Quando eu dei aula no Ensino Médio percebi que o importante é fazer o aluno olhar para onde o artista olha. É entender a poética do artista. Se o professor mostra o trabalho do artista antes e explica o que o artista fez, pode parecer que se está apresentando um modelo. É diferente quando o professor propõe mostrar para onde o artista olhou porque o aluno faz seu percurso e ganha repertório para olhar a obra do artista com maior autonomia.

**Como o professor pode ampliar o seu repertório de arte contemporânea?**

O assunto repertório de arte é sempre um desafio. O professor precisa olhar arte, pensar sobre arte, estudar arte. O professor tem, sim, que cuidar do seu repertório. O repertório do professor é uma das importantes qualificações dele. É ponto de partida. Um dos papéis do ensino de arte na escola é que os estudantes se reconheçam como parte de uma cultura, que eles atuem na cultura. Para isso, o professor sempre pode garantir uma boa dose de situações de aprendizagem por experiências estéticas, possibilitando um maior grau de autoria aos alunos. Assim, a sala de aula de artes é na escola um lugar privilegiado porque mantém, ao longo da escolaridade, espaço para esta maneira diferente de aprender.

«

**Marcia Cirne Lima** - Formada pela FAAP (1980) em Licenciatura plena em Arte, coordenou o projeto Fim de Semana na Escola da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1984/85) onde as escolas ficavam abertas para atividades planejadas com a comunidade, lecionou no Ensino Médio da Escola Vera Cruz em São Paulo, desenvolveu curso para professores e alunos em projeto do Instituto Tomie Ohtake. Já atuou como artista e desenvolve esporadicamente atividades de design gráfico. Foi coordenadora do núcleo de arte da Comunidade Educativa CEDAC orientando as oficinas que são realizadas em diversos programas de formação de educadores de redes públicas em Minas Gerais, Maranhão, Pará e Espírito Santo.

7





## A arte mudando a cara da cidade

» Uma das estratégias mais contemporâneas da aprendizagem de Artes é planejar a aula para desafiar o aluno a descobrir novos olhares para o seu cotidiano. Uma prova da eficácia desta abordagem está no resultado do projeto *A Cidade que é a Nossa Cara*, um curso de formação de professores em arte contemporânea, realizado pelo Instituto Arte na Escola de junho e novembro de 2012 em Bauru, no interior de São Paulo.

Organizado em três módulos – Arte Contemporânea, Formação a partir do material educacional do Instituto Arte na Escola e Elaboração de Projetos – o curso envolveu 35 professores da Educação Infantil e Fundamental da rede pública. Cinco projetos foram escolhidos e receberam apoio financeiro para sua execução. Para Sidnei Bergamaschi, gerente de marketing da Tilibra, patrocinadora do projeto, esta “é uma excelente oportunidade de contribuir com a melhoria da educação no Brasil, a partir da construção de uma nova percepção de mundo para nossas crianças”.

A professora Ellen de Souza criou *A Arte Fotografada no Ambiente de Trabalho*. Ela propôs aos alunos do maternal criar representações sobre os seus pais, os funcionários da escola e as pessoas que trabalham no entorno. “Meus pensamentos sobre arte mudaram. Aprendi que a arte contemporânea é provocativa, questionadora e inusitada”, conta.

*Construção e Reconstrução de Caminhos: Eu e Meu Mundo* foi o projeto da professora Natasha Madureira. A ideia era mostrar aos estudantes do 4º e 5º anos como o bairro onde eles vivem foi influenciado por uma fábrica de cerâmica que existe há 30 anos. “O curso mudou a minha maneira de trabalhar. Hoje eu apresento os temas e convido meus alunos para um novo conhecimento, criando a curiosidade para o novo, um novo despertar”, relata.

Sergio Segal, professor e músico, projetou a intervenção urbana *Retra[LA]tos - A cidade que minhas lembranças inventam*, na qual os alunos do 5º ano captaram sons e imagens da cidade e os reproduziram em vídeos exibidos em espaços públicos. “O professor precisa ter clareza naquilo que pretende que as crianças aprendam, não deve se apegar muito em conceitos herméticos ou interpretações teóricas extensas. Às vezes questões simples sobre a obra já são suficientes para desvendar novos mundos”, diz. A partir de um trabalho de jardinagem na escola, a professora Mariadne Beline desenvolveu o projeto *Sentidos*. Os alunos da Educação Infantil ultrapassaram os muros e “plantaram” em uma praça nas imediações um imenso jardim de flores imaginárias. “Dentre os muitos conceitos novos para mim, acredito que a questão da leitura de imagens, a instalação e a intervenção foram fundamentais para a construção do projeto. Eu aprendi um novo olhar para a arte”, afirma.

A professora Gisele Donato conta que foi a primeira vez que trabalhou com arte contemporânea em sala de aula. “O curso abriu uma janela, um leque de possibilidades. Hoje eu sei onde eu piso no terreno”, diz. O projeto *Trabalho/Arte-Arte/Trabalho* usou a técnica do estêncil para transformar as casas dos alunos em suporte para as produções artísticas.

*A Cidade que é a Nossa Cara* aconteceu pelo segundo ano. É uma parceria entre Instituto Arte na Escola, Secretaria de Educação de Bauru, Polo Arte na Escola da Unesp e tem o patrocínio da Tilibra, por meio da Lei de Incentivo do Governo de São Paulo - Programa de Ação Cultural (PROAC). »

Os detalhes do projeto estão no [site Arte na Escola](#).